

O Desejo de Ter Filhos na Mulher Contemporânea

The Desire of Having Children among Contemporary Women

Clara Medeiros Veiga Ramires Monteiro^{a*}; Marcos Pippi de Medeiros^b

^aUniversidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, Brasil

^bCentro Universitário Franciscano, Curso de Psicologia, RS, Brasil

*E-mail: claraveigamonteiro@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho investiga o desejo de ter filhos de algumas universitárias da UNIFRA – Centro Universitário Franciscano de Santa Maria/RS que não tinham filhos até o momento, acerca da posição da mulher contemporânea principalmente no que se refere à maternidade. Através das falas das mulheres pesquisadas podemos inferir que ainda há na contemporaneidade o desejo de ter filhos, mas sua realização é deixada para depois em virtude do desejo de primeiramente ter uma formação acadêmica e estabilidade financeira.

Palavras-chave: Desejo. Filhos. Mulher. Contemporaneidade.

Abstract

The present study examines the issue concerning some graduate female students' desire of having children at UNIFRA – Centro Universitário Franciscano de Santa Maria/RS. These women had no babies at the time of the research, which investigated the contemporary woman's role concerning maternity. Through the speech of these women we can infer that currently the desire of having children is still real, but it is postponed due to the primary desire of studying and achieving financial stability.

Keywords: *Desire. Children. Woman. Contemporaneity.*

1 Introdução

Por meio da observação da prática clínica em psicologia, podemos perceber que, com as mudanças políticas e sociais, ocorrem, também, modificações nas subjetividades, de tempos em tempos, consequentemente, diferentes demandas chegam até os profissionais inseridos na área. Com as mulheres não funciona de maneira diferente; nesse sentido, encontramos a diversificação de suas realizações fálicas (PINHEIRO, 1991) - outrora socialmente endereçadas à realização de um bom casamento, a cuidar do lar ou a ter bebês, agora passam a ser autoras de trocas fálicas ao trabalhar, ganhar seu dinheiro e ter direitos de cidadãs.

Tendo em vista esta questão, além do fato de perceber na prática que são as mulheres que mais procuram o espaço da clínica em psicologia, se faz de grande importância pensar sobre este tema a fim de uma aproximação com a mulher contemporânea, principalmente no que se refere ao seu desejo de ter filhos, uma vez que é esta a ênfase do presente trabalho.

2 Material e Métodos

Para que se pudesse dar esta aproximação com o objeto do estudo, optou-se por proporcionar um espaço de escuta ao discurso das mulheres universitárias acerca do desejo de ter filhos frente a outros modos de realização pessoal. Para isto, além de revisar o tema da mulher, do feminino e, finalmente, de seu desejo de ter filhos na teoria psicanalítica optou-se

por realizar pequenos grupos com universitárias do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, que não tinham filhos até o término da pesquisa.

A escolha por mulheres com estas características não se deu aleatoriamente, mas, por se tratarem de sujeitos cuja alguma característica parece estar colocada em outra posição que não a “feminina” esperada, sobretudo antigamente, como a de tornar-se “dona-de-casa”, puramente, ou, pelo menos, antes de optar por dedicar-se à sua formação acadêmica.

Foram realizados quatro encontros em forma de grupos focais homogêneos com oito mulheres entre vinte e trinta anos. As informantes são de cursos diferentes e foram escolhidas por indicação e por conveniência, levando em conta o desejo de frequentar os encontros com o grupo. Cada um destes encontros teve duração de aproximadamente trinta minutos cada.

De acordo com Michel (2005), um Grupo Focal - GF é um grupo de discussão, formado por cerca de dez pessoas que possuem características em comum e conhecem o foco da discussão, para, incentivadas pelo moderador, conversarem sobre o objeto de interesse, trocando experiências e interagindo suas ideias, seus sentimentos, seus valores, suas dificuldades e soluções.

A pesquisa foi realizada na forma de investigação em psicanálise clínica, na qual se entende que cada dissertação ou tese em psicanálise é pensada como um verdadeiro

caso metodológico, materialização e ápice de um percurso irreduzivelmente singular. A pesquisa a partir desses moldes acaba sempre, paradoxalmente, dependendo de acontecimentos e movimentos que escapam à posição teórica e à sua racionalidade. Os avanços científicos acabam dependendo de alguns fatores, tais como: acaso, surpresas, sustos, decepções e frustrações. Mesmo que a atividade científica exija razão e planejamento, estas dimensões não garantem aquela autonomia e a exterioridade do objeto, necessárias para dar à ciência sua razão de ser como desejo e procura do desconhecido (LOUREIRO, 2002).

No caso da presente pesquisa não foi diferente, uma vez que em todo o procedimento foi preciso rever algumas questões de conceitos pessoais errôneos e até mesmo de metodologia. É surpreendente o quanto o resultado final se distancia muito do que se projetava em primeiro momento; ao mesmo tempo, é fantástico trabalhar com o inesperado, uma vez que sempre aparecem ideias novas que nos mostram o quanto o tema escolhido é amplo e precisa de maior atenção.

A atividade de pesquisa requer a manutenção de determinada distância entre sujeito e objeto. Supõe-se que a pesquisa conseguirá reduzir esta distância, mas não eliminá-la: alguma parcela da alteridade do objeto sempre resistirá à apreensão cabal por parte do sujeito que o configura, tal como um caso clínico (FIGUEIREDO, 2001). Além de ser impossível para o pesquisador a total neutralidade, principalmente quando se trata de um trabalho de seres humanos para seres humanos, é preciso ser empático com o sujeito ao qual se oferece alguma escuta para que este se sinta acolhido e inserido em um lugar no qual não precisa se preocupar com julgamentos. Sem falar que, no caso deste trabalho, a acadêmica que efetuou a pesquisa está exatamente na posição da população pesquisada.

3 Resultados e Discussão

Os resultados desta pesquisa foram analisados como um caso clínico, em que se pode, evidentemente, pensar e teorizar ao longo do processo, mas que é visto e elaborado com mais clareza a partir da distância estabelecida com o final dos encontros analíticos, uma vez que o processo de pesquisa também só pode ser efetivamente descrito e pensado após seu término (LOUREIRO, 2002).

No decorrer do artigo, são apresentadas algumas falas das participantes do grupo. Estas serão identificadas como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8, significando o “P” como participante e o número como forma de diferenciar cada uma delas.

3.1 A mulher e o seu desejo de ter filhos

A visão psicanalítica sobre o desejo da mulher de ter filhos começou com Freud, que em 1925, no texto *Algumas Conseqüências Psíquicas na distinção Anatômica entre os Sexos*, atrela o desejo da mulher de ter filhos com a falta de um *falo*, representado pelo pênis, uma vez que seria esta falta real a primeira a ser sentida pela menina quando esta vivencia seu

Complexo de Édipo, passando, assim, pelo desapontamento com sua mãe por tê-la feito faltante, para que, no fim, se perceba a falta na própria mãe, assim como em todas as outras mulheres. No interior do quadro de ódio à mãe, três destinos seriam possíveis para a sexualidade feminina: a inibição neurótica, a masculinização e a reversão da libido para o pai e o concomitante desejo de possuir filhos deste, ou seja, teria uma estrutura de histeria dentro da neurose (seria a posição normal).

Por meio da pesquisa, não foi possível refutar esta hipótese, afinal, todas as participantes apresentaram o desejo de ter filhos, embora já se possa adiantar que todas elas estão adiando sua concretização e que, por este fato, já podemos perceber que, ao mesmo tempo em que existe nestas mulheres uma posição feminina nos moldes antigos, parece imperar outra posição por meio da existência de outros desejos.

Com toda a certeza quero ter filhos, mas só depois de estar bem financeiramente [...] nem saio de casa se for pra brincar de casinha, ficar sendo sustentada pelos meus pais [...] (P2).

Observa-se que a ideia de ser sustentada por alguém está sendo replicada por esta participante do grupo. A presença de um marido que possa sustentar a ela e aos seus filhos nem aparece em sua fala. Ao que parece, as mulheres, além de terem o direito, hoje em dia *devem* trabalhar, pois isto é ingressar na vida adulta, do contrário é “brincar de casinha”.

A visão falocêntrica acerca deste desejo é questionada por vários autores, mas mesmo os que concordam, questionam a ideia de que ser mãe seria a única forma de a mulher sentir-se fálica. Freud (1925) nos diz que as mulheres, por invejarem o pênis, desenvolvem o sintoma de desejarem filhos, mas esta teoria só concorda com a ideia de uma feminilidade pertencente à estruturação histórica. Não haveria espaço para o erotismo feminino que não incluísse o desejo de ter filhos, nem a maternidade escaparia à lógica falocêntrica que governa as concepções sobre a falta de pênis (LABAKI, 2007).

Porém, pouco mais tarde, o próprio Freud (1927/1931) introduziu outra ideia, levando em conta o desejo de maternidade quando os determinantes de uma neurose estariam ausentes e a inveja do pênis não seria significativa. Ele expõe a ideia de que a mulher não-neurótica terá como projeto construir uma relação objetal com um homem, não querendo *possuir* e sim *ser* seu falo. Dentro das diversas possibilidades que se abrem no regime de trocas com este outro, a maternidade poderá ou não ser umas das vias de erotismo em relação a ele. É quando se dá a passagem do amor narcisista para o amor objetal.

Observa-se a validade desta ideia por meio da fala de uma das integrantes do grupo:

Acho que primeiro a gente precisa morar junto (com o parceiro) para se curtir bastante só os dois. Depois acho que o casal começa a sentir falta de alguma coisa. Daí dá pra pensar em ter filhos! (P4)

Podemos entender com esta fala que o desejo de ter filhos existe também em função de uma demanda do outro neste

caso, de um homem, que também, há de sentir uma falta e que em algum momento pense que tendo um filho conseguirá supri-la.

Labaki (2007) propõe ainda outra saída para o erotismo feminino que consiste em acolher a perda não como falta recalcada, recusada ou ressentida a ser ressarcida, mas como condição de existência de um modo interior de ser separado do outro para todo o sempre. A maternidade teria mais a ver com perder filhos do que com tê-los, possibilitando que aos poucos se dê a identificação da mãe com o bebê dentro da separação dos dois a partir do nascimento, fazendo com que a mãe se separe do filho ideal e se depare com o real.

No texto sobre a feminilidade, Freud (1933) pensa sobre outra questão que é a de fazer a distinção entre o desejo de *ser mãe* e o desejo de *ter filhos*, uma vez que, segundo o autor, estes são construídos em tempos diferentes. Ainda na fase pré-ediapiana, a menina construiria o desejo de ser mãe, fruto do processo de identificação com a mãe originária, do tempo anterior à castração e movida por um amor obstinado. A realização deste desejo seria ilustrada pelas brincadeiras de boneca, em que a menina dramatiza o papel de mãe. Já no Édipo, a menina construiria o desejo de ter um filho, quando a figura da mãe passaria a funcionar, após a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, na condição daquela a quem falta alguma coisa, de quem a menina herdou esse mal e de quem, portanto, conviria se afastar. A menina põe-se em busca daquilo que preenche o desejo materno. É nessa nova organização, agora sob os efeitos da castração, e numa atmosfera de profunda hostilidade à mãe, que a menina formularia a fantasia de ter um filho com o pai, sendo este o único capaz de repor o que lhe falta – por meio do filho –, pois já havia feito a mesma reposição para sua mãe, a maior rival (JAQUETTI; MARIOTTO, 2004).

Voltando à leitura mais contemporânea de Labaki (2007), somos convidados a pensar sobre a necessidade de outra diferenciação que é a do desejo de *estar grávida* do desejo de *ter filhos*, uma vez que, no primeiro, a mulher poderia vivenciar seu triunfo narcísico. Ela carrega outro corpo junto ao seu, que depende apenas dela para sobreviver, ou seja, seria seu *falo*, concordando com a visão colocada por Freud em 1925, sem contar as sensações de prazer que o feto provocaria na mãe, sentidas pelo corpo até mesmo no momento em que o bebê é expelido, e pela idealização do filho. Questão que parece já ser pensada pela integrante do grupo, que diz:

É diferente pensar em ficar grávida assim... de pensar na situação de depois que a criança nasce. Uma coisa é carregar o filho, pensar no filho... são nove meses... e outra é ter que sustentar e cuidar até ele crescer! (P7).

Eis que o filho nasce e o que era fonte de inúmeros ganhos para o narcisismo da mulher se converte em perdas. Perda dos prazeres físicos, do filho ideal, da simbiose de um corpo para dois. É um momento de rupturas, onde mãe e filho precisam se deparar com a inevitável separação e apelo que esta faz em direção à diferença e alteridade (LABAKI, 2007).

Ao mesmo tempo, podemos notar em outra fala de outra componente do grupo que o desejo de ter filhos é ainda maior do que o desejo de engravidar, embora a teoria psicanalítica acredite que as mulheres só engravidam quando nelas está presente este desejo, mesmo que inconscientemente.

Eu me cuido muito para não engravidar, mas se, sem querer, eu engravidasse, pensaria que depois que o filho nascesse não seria assim tão ruim! Acho que a gente vê aquela carinha parecida com a gente e se apaixona na hora!(P3).

3.2 O feminino e a mulher contemporânea

Lacan (1993) já nos dizia que é a cultura que designa destinos diferenciados para homens e mulheres. A diferença entre os sexos só dependeria do modo de inscrição dos sujeitos, sob a ordem fálica que organiza o desejo, mas que não fixaria necessariamente o gênero à sexualidade.

A feminilidade não seria identificada nem como sendo da mulher, nem tampouco da sexualidade feminina. Isso porque a feminilidade remeteria a algo que transcenderia a diferença de sexos, ultrapassando em muito a oposição entre as figuras de homem e mulher. Tratar-se-ia de outro registro da sexualidade que se caracterizaria pela ausência de referência ao falo. Aí estaria a sua origem.

A feminilidade teria como registro sexual, seu critério definidor, a inexistência do falo como eixo de construção do sujeito, sendo, pois, uma forma de ultrapassagem da lógica fálica e, com isto, a feminilidade remeteria a algo presente tanto no homem quanto na mulher, transcendendo a regulação pelo falo.

Isso porque as figuras de masculino e feminino para a psicanálise têm no falo seu operador teórico fundamental. Vale dizer, as figuras do homem e da mulher foram meticulosamente construídas de acordo com a lógica fálica. Seja pela presença ou pela falta do falo, a oposição entre masculino e feminino foi concebida pela lógica do falo (BIRMAN, 1999).

Se a mãe, por definição, é fálica, deve-se levar em conta que este é um conceito teórico; não é um atributo da mãe. No conceito mesmo de mãe fálica há a ideia de que atrás da mãe se esconde a mulher. Para ser mulher, a filha tem que separar seu corpo e seu desejo dos de sua mãe.

A tese de Lacan (1993) afirma que em vez de sobrepor a mãe à mulher, como Freud (1927-1931) o fizera, devemos separá-la. Para ele, a mãe e a mulher não só não se recobrem por completo como também podem constituir posições antagônicas.

A mulher, por vezes, quer confrontar sua feminilidade na maternidade. Ela pode até crer que pode ser compensada pelo que não tem, enquanto mulher, pela maternidade. E ela pode satisfazer-se no primeiro momento. Porém, este estado se dissipará, de certa forma, e ela terá de se confrontar com a questão que acreditava estar resolvida (ZALCBERG, 2007). A procriação participa do lado matrimonial que a inclina como esposa e mãe, mas que a afasta dela mesma.

Separar a condição de mulher e de mãe faz Lacan, ainda

em sua tese, formular o conceito de uma “verdadeira mulher” que seria aquela que escolhe ser mãe, ou exclusivamente, mulher que mãe, ou seja, que deixa sua condição materna em segundo (ou nenhum) plano.

Primeiro penso em mim, em viajar, em ser profissionalmente realizada, reconhecida como boa no que faço, com um filho fica mais difícil atender às próprias vontades! (P1).

Encontramos feminilidade(s) e masculinidade(s), tanto em homens quanto em mulheres, nas formas mais variadas. Mas ainda os gêneros são relacionados como pares inseparáveis dos sexos e se espera socialmente que a mulher esteja condicionada ou delimitada pelo espaço doméstico (cuidando da casa e dos filhos), afirmando sua feminilidade. No grupo, as integrantes falaram sobre as expectativas familiares acerca de ter filhos, mas também para além disto:

Meus pais ficariam muito chateados se eu nunca tivesse filhos, mas isso é pensando neles, porque eles querem ser avós. Se bem que eles ficariam ainda mais chateados se eu optasse por não fazer uma faculdade, por exemplo. (P8).

Por meio de algumas leituras como, por exemplo, do livro *A Mínima Diferença* de Maria Rita Kehl (1996) em que a autora, no capítulo *O Espaço Doméstico e a Sexualidade da Mulher*, traz quatro casos clínicos de mulheres que, após terem filhos, parecem ter desistido de ser, ao mesmo tempo, domésticas e femininas. Parece importante citá-los aqui para que não se deixe de fora alguma vivência do pós-parto.

Um destes casos fala de uma mulher que acaba por se colocar frente ao marido na posição de seu próprio bebê, abdicando dos prazeres da sexualidade adulta; outra parou de trabalhar fora quando seus dois filhos nasceram e começou a sentir prazer nisso e, inclusive, a esperar seu marido como uma filha que espera pelo conforto que traz um pai quando volta pra casa; a terceira se dizia mãe e pai da sua filha ao mesmo tempo e chegou a confessar que *gosta mais de ganhar dinheiro do que de trepar...* O último caso é o de uma mulher que exatamente por ter perdido a guarda de seu filho era feliz, tornando-se uma pessoa amargurada quando precisou começar a viver com ele e se colocar no lugar de mulher, de mãe e de ter que ter a vida condicionada a *um outro serzinho fraco e dependente* – palavras da autora (KEHL, 1996, p.63).

Pensando nestes quatro casos, Kehl (1996) coloca que, com a existência das “depressões pós-parto” contemporâneas, percebe-se que nem todas as mulheres vivenciam a experiência de ter filhos como completude fálica, mas como limitação, como evidência de uma feminilidade indesejada, impedindo, por vezes, a posse e usufruto de outros atributos fálicos que hoje estão ao alcance das mulheres ditas “livres”.

Tendo em vista que todas as mulheres pesquisadas ainda possuem o desejo de ter filhos, embora deslocado para depois de outras realizações pessoais, mas que nem todas (nenhuma mulher das quais escutamos por meio desta pesquisa) veem a questão de ter filhos como único desejo presente na posição feminina, nos resta um questionamento: Por que este desejo

ainda está tão presente? Ou seja, a serviço de que, então, estaria este filho, a final?

3.3 Filhos hoje: pra quê?

Considerando a tese de Labaki (2007), antes colocada, que afirma que o filho, depois de nascer, passa de fonte de ganhos narcísicos para perdas de prazeres físicos e de ideais, pode-se dizer que o filho viria, muitas vezes, preencher o vazio, acelerando o processo de luto. Não é apenas, porém, a fenda produzida pela falta estrutural que leva uma mulher a desejar um filho, mas outros vazios, deixados pelas perdas ao longo da vida (como abortos, morte de alguém próximo, perdas profissionais, entre outros). Este filho poderia ainda ser idealizado, mascarando ou compensando a solidão, a pobreza e a ausência de planos, perseguindo a ilusão da completude.

Pensando ainda na primeira concepção freudiana acerca da origem do desejo na mulher (histérica) por filhos, podemos notar nesta algum narcisismo que apela para um restauro no *eu*. Espécie de formação de compromisso entre o instinto de preservação da espécie e o pulsional narcísico.

Ter o filho seria, dessa forma, a prova de que a percepção sobre a falta está errada ou que, ao menos, pode ser driblada mediante a presença de um substituto, fazendo com que a premissa de castração perca temporariamente seu efeito e a mulher grávida que carrega seu bebê no ventre se eleve ao estágio de completude narcísico/fálica (PINHEIRO, 1991).

Sabemos que tudo isto acontece inconscientemente; porém, as participantes da pesquisa admitem o lado narcísista de sua escolha por ter filhos, utilizando-se da justificativa do *instinto feminino* para tal:

A gente quer passar adiante nossos genes, não adianta! Querer ter filhos tem muito a ver com o instinto, eu acho, e com a vontade de ver uma criança que pode ser “tu” melhorada, porque na criação a gente tenta não cometer os mesmos erros que os nossos pais cometeram! (P3).

Podemos pensar no motivo de querer ter filhos para além do instinto ou da compensação fálica com esta fala. Percebemos certa discordância da participante com a criação de seus pais. Sabemos que, inconscientemente, muitas vezes, o desejo de ter um filho tem relação com muitas questões que tocam e causam a vida das mulheres, incluindo sua condição de filha em relação à sua mãe e ao seu pai também, uma vez que este também aparece na fala da participante quando ela se refere não aos erros que sua mãe cometeu, mas sim aos erros que seus *pais* cometeram.

Garcia Roza (2001) acredita que o objeto do desejo é um objeto perdido, uma falta, e que este objeto perdido continua presente em sua negatividade, procurando realizar-se por meio de uma série de substitutos que formam uma rede contingente, mantendo a permanência da falta. Acrescentamos ainda Lacan (1985, p.73), que afirma ser o desejo “um elemento que está necessariamente em impasse, um elemento insatisfeito, impossível, não reconhecido”. Assim, ter um filho despertaria sempre na mãe esta ambivalência entre ter nos braços seu

objeto e ter nos braços algo que vai sempre lembrá-la que sua existência é faltante.

No texto de Freud de 1917, o desejo da mulher não-neurótica terá como projeto construir uma relação objetal com um homem, em que a alteridade seja considerada, não só em relação às diferenças sexuais, mas, também, em relação à possibilidade de a libido investir um objeto total. Em poucas palavras: o desejo da mulher é por um homem. E Freud complementa dizendo que, quando o desejo por filhos emerge, o desejo infantil de possuir o pênis surge apenas como um reforço libidinal inconsciente.

Pode-se concordar com Freud neste aspecto, uma vez que, anteriormente, aparece neste trabalho a fala de uma participante (P4) que diz querer antes “curtir seu parceiro” até que os dois sintam que alguma coisa falta. Implicitamente ela coloca que esta falta seria dos dois e a ideia de um filho estaria posta para os dois, como mais um *plus* na relação a dois para que as idealizações que um tem sobre o outro não caiam tão depressa e para que se possa ainda ser um objeto desejado por este outro.

4 Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo investigar o desejo de ter filhos na mulher contemporânea, uma vez que é a mulher quem mais procura a clínica de psicologia atualmente e que, assim como todas as subjetividades, isso também se modifica de tempos em tempos.

Hoje em dia não é apenas tendo filhos que a mulher se sente realizada, pelo contrário, o filho depois que nasce, muitas vezes, parece gerar uma sensação de esvaziamento ao invés da de preenchimento de alguma coisa que faltava.

Muitas vezes as mulheres optam pela realização profissional antes, por exemplo, o que não quer dizer, como pudemos ver neste trabalho, que o desejo de ter filhos ainda não esteja muito presente na contemporaneidade, sendo apenas adiado, na maioria das vezes, em função de estudos e carreiras profissionais.

O desejo de um filho permanece por vários motivos os quais podemos verificar por meio de bibliografias utilizadas juntamente com as falas das participantes do grupo de pesquisa desenvolvido. Seja para preencher faltas (de um pênis ou faltas cotidianas, tais como da perda de algum ente querido) como para dar continuidade aos seus genes, atender a uma demanda social ou a um amor objetal, pode-se concluir que a ideia de ter um filho permanece extremamente presente

na mulher contemporânea.

Os resultados da pesquisa mostraram a importância de se refletir sobre a temática da mulher e sua posição frente ao social. Nesse trabalho preferimos nos ater na questão do desejo de se ter filhos na contemporaneidade, mas é interessante pensar a mulher para além deste tema, uma vez que ela continua ininterruptamente neste processo de conquistas por espaços antes habitados apenas pelos homens.

Referências

- BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: 34, 1999.
- FIGUEIREDO, L.C. *A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na clínica psicanalítica*, 2001.
- FREUD, S. (1917). *Transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. (1933) *Feminilidade*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. (1925). *Algumas conseqüências psíquicas na distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1927-1931). *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA ROZA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JAQUETTI, R.C.; MARIOTTO, R.M.M. *Maternidade contemporânea: novos significantes, velhos desejos*. *Rev. Estilos Clin.* v.9, n.16, p.50-57, 2004.
- JERUSALINSKY, J. Angústia na pós-maternidade. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n.35, p.9-20, 2008.
- KEHL, M.R. O espaço doméstico e sexualidade da mulher. In: KEHL, M.R. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LABAKI, M.E.P. Ter filhos é o mesmo que ser mãe? *J. Psicanal.* v. 40 n. 42, p.75-87, 2007..
- LACAN, J. *Idéias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960), em escritos. Madri: Siglo Veintiuno, 1993.
- LACAN, J. *O seminário* (1964), *Livro XI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LOUREIRO, I. Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In: QUEIROZ, E.F.; SILVA, A.C.R. (Org.). *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta; 2002.
- MICHEL, M.H. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 2005.
- PINHEIRO, T. *Reflexões sobre as bases do amor materno*. São Paulo: Escuta, 1991.
- ZALCBERG, M. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

